

# SIMPÓS SUL

II Simpósio de  
Pós-Graduação  
do Sul do Brasil

BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA: 200 ANOS  
DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO NO BRASIL

## ***MODUS VIVENDI E SÓCIONATUREZA: CORRELAÇÃO DE CONCEITOS PARA ANÁLISE SOBRE A PRODUÇÃO DE CIDADES***

***Bruno Borges Mamede***  
*Universidade Federal de Fronteira Sul (UFFS)*  
*bruno.mamede@poli.ufrj.br*

***Eixo 09: Multidisciplinas***

### **RESUMO**

Este artigo dedica-se a refletir sobre questões acerca de modos de produção e expansão de cidades em face ao modelo de uso exaustivo de recursos naturais. Deste modo, a perspectiva de análise aqui debatida não está no fato do crescimento urbano como elemento danoso à paisagem natural outrora estabelecida. Entretanto, a maneira como o modelo de urbanização atual apresenta consequências drásticas à ocupação espacial será o foco deste trabalho. A partir desta reflete-se aqui sobre os atuais rumos do sistema capitalista bem como a manutenção do *modus vivendi* das sociedades em tempos futuros. As categorias-chave de Produção de Socionatureza e *Modus Vivendi* representam os principais elementos de abordagem deste estudo para a compreensão do processo de produção de cidades na atualidade.

**Palavras-Chave:** Geografia Urbana; Engenharia Urbana; Gestão de Recursos

### **INTRODUÇÃO**

Segundo estudos realizados pelo Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento (ITDP), algumas cidades brasileiras implementaram mudanças significativas em seus sistemas de transportes de passageiros. No escopo destas mudanças está o melhor aproveitamento de recursos e estruturas já existentes para alcançar melhores resultados no desempenho operacional do sistema de circulação de passageiros.

A partir desta afirmação, inicia-se parte da discussão sobre a manutenção do *modus vivendi* das sociedades em cidades. Cidades estas que estão organizadas hierarquicamente em uma relação de submissão das menores às maiores, assim como do meio rural ao meio urbano. Deste modo, o ser humano foi, paulatinamente, organizando a natureza, assim como o espaço, de acordo com seus próprios métodos e técnicas. Estes são frutos de um projeto de racionalização espacial da natureza e dos recursos nela disponíveis. A ocupação antrópica espacial, em grande parte dos casos, apresenta relações de subserviência à lógica racionalista.

Com isto, indica-se que o objetivo deste trabalho está pautado em apresentar a discussão da temática urbana frente ao atual modelo capitalista de consumo e aproveitamento de recursos naturais. A metodologia deste trabalho está fortemente pautada nas reflexões oriundas de cada área do conhecimento. Com isto, será possível compreender como a ciência pode apresentar respostas distintas acerca da mesma temática e, conseqüentemente, o embate destas ideias e sua futura seleção serão os motes de transformação do espaço habitado.

A partir destas reflexões, o método selecionado para seguir com este texto encontra-se na distinção entre as ciências passíveis de reflexões e aquelas imbuídas da pureza técnico-metodológica. Ainda nesta categoria, serão apresentados e discutidos dois conceitos-chave para o debate acerca da transformação do espaço: *modus vivendi* e produção de sócio natureza.

Neste trabalho, a natureza não é compreendida como elemento estanque, estático e simples fornecedora de recursos necessários à subsistência humana. Neste ponto, além da subsistência, inclui-se também a acumulação econômico-financeira intrínseca ao modo de produção capitalista. Pode-se perceber a natureza como ente autônomo e distinto do ser humano.

## **CAPITALISMO E PRODUÇÃO DE CIDADES**

A cidade apresenta-se como a solução antrópica à ocupação espacial adensada. Enquanto, antes, havia vilas com muitas casas dispersas pelo espaço sem um determinado padrão de ocupação, as cidades apresentam-se como locais onde o espaço está devidamente organizado em função de uma lógica produtiva de otimização de tempo e recursos.

Rossi (2003) apresenta a cidade como um sistema aberto e inconcluso que busca o constante equilíbrio e harmonia. Dentro desta estão os chamados sistemas urbanos, como Transportes, Educação, Trabalho e Renda, Saúde e Segurança Pública, por exemplo. Estes sistemas são vitais para a manutenção desta zona em constante transformação.

Sposito (2002) concorda com esta visão porém apresenta um importante contraponto: enquanto a Engenharia Urbana observa a cidade como um sistema funcional técnico, a Geografia a percebe como um espaço de conflitos constante entre os grupos sociais. Os referidos sistemas funcionais tendem ao equilíbrio do ponto de vista técnico-administrativo-operacional, porém o mesmo não ocorre pela perspectiva das disputas sociais envolvidas neste espaço.

Entretanto, toda esta organização e racionalidade demandam recursos oriundos da natureza, assim como a transformação desta para satisfazer os anseios sociais. O funcionamento de aquecedores em aparelhos de ar condicionado depende da energia elétrica, muitas vezes obtida a partir da queima de combustíveis fósseis, como petróleo e gás natural. Os sistemas de transporte público também demandam combustíveis fósseis para seu funcionamento, assim como diversos tipos de metais (como ferro, alumínio e titânio, por exemplo) para a construção de veículos. Do mesmo modo, escolas demandam energia elétrica e água potável para funcionar, assim como materiais utilizados em sua construção.

Alternativamente, ainda de acordo com Sposito (2002), as sociedades começaram a compreender nos últimos 50 anos que é necessário proteger a natureza para manutenção da vida humana em sociedade no Planeta Terra. Contudo, os enfoques progressista e desenvolvimentista percebem a preservação da natureza como única fonte de recursos e, assim, determina seu confinamento a determinados espaços.

### **SÓCIONATUREZA E *MODUS VIVENDI***

No ambiente urbano, percebe-se este confinamento nas praças e jardins diminutos presentes no meio do espaço antropizado. Mesmo algumas vias com árvores possuem indicações de que estas estejam em harmonia com o espaço de circulação de veículos. Ou seja: caso galho e raízes extrapolem o espaço determinado serão podados e novamente confinados para não seguir interferindo na infraestrutura urbana.

Soma-se a esta discussão o conceito de *modus vivendi* de sociedades e grupos sociais. Afirma-se aqui que, as sociedades são compostas de indivíduos e, estes indivíduos buscam semelhantes em características e comportamento, formando grupos sociais distintos.

Conforme Serrão (2013), as sociedades contêm grupos sociais diversos. Os modos de vida são vistos a partir da observação de grupos sociais. Com isto, o conceito mencionado apresenta a maneira como os seres humanos vivem e consomem o espaço ocupado e (dito) livre para ocupação/contemplação. Contudo, para fazer uso e consumo do espaço faz-se necessário deslocar-se por ele.

Este conceito é a categoria de análise que permite a compreensão destes constantes fluxos de deslocamento pelo espaço, os quais não são completamente aleatórios como uma visão inicial pode indicar. Estes grupos sociais deslocam-se de acordo com seus interesses e da forma que sua riqueza acumulada permite. Enquanto as camadas mais economicamente abastadas da sociedade utilizam modos segregados referentes ao deslocamento urbano, como confortáveis automóveis individuais, as classes economicamente menos afortunadas utilizam modos de maiores capacidades que, algumas vezes, não atendem plenamente suas necessidades e anseios.

A produção e consumo de uma sacionatureza nas sociedades capitalistas atuais estão atingindo níveis onde, de acordo com estudos de Mankiw (2001), afetam de maneira muito desigual o equilíbrio entre as relações estabelecidas entre humanidade e natureza, em desfavor da segunda. Este economista indica em sua visão de maximização de recursos que a utilidade de um bem não é dada somente em função de seu valor de mercado, mas também pela chamada usabilidade aferida por cada indivíduo. Seguindo por este conceito de maximização utilitária, o autor indica que o consumo é acelerado pela formação de desejos e necessidades, os quais possuem impactos na oferta, demanda e uso de recursos pelas sociedades.

## **REFLEXÕES FINAIS SOBRE ESPAÇO E MODOS DE VIDA**

Santos (2003) debate diversos conceitos pertinentes à teoria econômica clássica no tocante à aplicação destas teorias, métodos e técnicas na transformação do espaço habitado. A partir de suas discussões é possível perceber que existe um grande hiato entre a formulação técnico-teórico-metodológica pura e sua aplicação no âmbito espacial.

Este hiato decorre da observação técnica dos elementos e seu comportamento em um ambiente teórico puro, onde as variáveis consideradas não são necessariamente aquelas presentes na realidade. A formação de um novo sistema de vias, tráfego e circulação considera apenas elementos pertinentes aos sistemas de transporte sem, contudo, captar elementos correlatos como o adensamento ocupacional e a súbita valorização territorial decorrente da implantação de uma nova infraestrutura urbana destinada ao melhoramento do deslocamento local.

Estes implementos possuem impactos diretos em *modus vivendi* e *locus vivendi* locais. A implantação de infraestruturas urbanas diversas ou de novos serviços urbanos apresentam, geralmente, vantagens e benefícios que são rapidamente captados pela acumulação capitalista. Esta captura de mais-valia decorre, algumas vezes, antes mesmo da total implementação do equipamento e/ou serviço urbano propriamente dito.

Haraway (2005) aponta em seu manifesto que um ciborgue é um organismo cibernético híbrido entre humano e máquina, capaz de interagir de maneira distinta em diferentes relações sociais. Ao perceber este conceito em conjunto ao *modus vivendi* atual, muitos autores consideram que o debate acerca da evolução da espécie humana, necessariamente, perpassa pelo desenvolvimento de máquinas e sistemas de suporte (ou apêndices)

Na visão de autores das ciências exatas, este ser representa a materialidade da perfeição humana: entidade capaz de raciocinar e viver sem aflições de humanos comuns. Para as ciências humanas, estes seres apresentam além da perfeição, também conseqüências distintas acerca da espontaneidade e aleatoriedade intrinsecamente características dos seres humanos. Sua existência e consumo da natureza e espaço são distintos, porém ainda existentes. Contudo, dentro de um sistema sócio-produtivo baseado na acumulação pessoal e coletiva, o equilíbrio entre distintas entidades é tido como cada vez mais frágil e volátil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CATAIA, Márcio (org). **Dos Circuitos da Economia Urbana aos Circuitos Espaciais de Produção**. Natal (RN): Editora Sebo Vermelho, 2017.

HARAWAY, Donna. **Antropologia do Ciborgue: As Vertigens do Pós-Humano**. Belo Horizonte (MG): Editora Autêntica, 2005.

ITDP Brasil (Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento). **The Bus Rapid Transit Standard**. Nova York (Estados Unidos): Editora ITDP, 2016.

MANKIWI, Gregory. **Introdução à Economia**. São Paulo: Campus, 2001 (Segunda Edição).

ROSSI, Gabriella. *Ambiente Construído: Reflexões sobre o Desenvolvimento Urbano Sustentável*. Rio de Janeiro: Editora 07 Letras, 2003.

SANTOS, Milton. **Economia Espacial: Críticas e Alternativas**. São Paulo (SP): EDUSP (2003).

SERRÃO, Adriana. **Paisagem: Natureza Perdida, Natureza Reencontrada?** Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea. Brasília, nº 2, ano 1, 2013 (Páginas. 07 a 27).

SPOSITO, Maria Encarnação. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo (SP): Editora Contexto, 2002.